

o recado da terra

Ano XVII, número 37, novembro de 2012



Agricultor familiar se prepara para as mudanças do clima



Foto: CAPA Núcleo Verê



CAPA
Centro de Apoio ao
Pequeno Agricultor

CAPA tem projeto reconhecido entre as 48 melhores práticas do mundo

O projeto Digno Viver, para a inclusão quilombola, do CAPA/Pelotas pode ser premiado como uma das 12 Melhores Práticas Mundiais. _____ p.10

A Agroecologia torna as propriedades resilientes

Confira as experiências exitosas praticadas pelos assistidos nos núcleos do CAPA.

Páginas centrais

Soluções humanas aos problemas criados pelos humanos

p. 5

O que o aquecimento global nos ensina?

p. 2

Desafios e reconhecimentos

O Recado da Terra, nesta edição 2012/2013, dá ênfase ao tema Justiça Socioambiental e Mudanças Climáticas, mostrando experiências exitosas dos/as agricultores/as parceiros/as do CAPA frente ao desafio posto pelas mudanças climáticas. Também traz entrevistas com os professores da UFRGS, Moacir Berlatto e Rualdo Menegat e o alerta do ambientalista Luiz Jacques Saldanha e do líder indígena guarani Vherá Poty sobre a urgente necessidade de mudança no modo de vida.

Vale lembrar que em 2013 o CAPA está comemorando 35 anos de atuação. O parabéns vai para todos/as parceiros/as que estiveram juntos e juntas nesta caminhada!

o recado da terra

O Recado da Terra é uma publicação do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA), que está ligado à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB).

Núcleos e coordenações
 Núcleo Erechim/RS – Ingrid Giesel
 erexim@capa.org.br
 Núcleo Marechal Cândido Rondon/PR – Vilmar Saar
 rondon@capa.org.br
 Núcleo Pelotas/RS – Rita Surita
 pelotas@capa.org.br
 Núcleo Santa Cruz do Sul/RS - Sighard Hermany
 santacruz@capa.org.br
 Núcleo Verê/PR – Elaine Aparecida Zanetti
 vere@capa.org.br

Jornalista Responsável: Susanne Buchweitz (Reg. prof. 5788)

Redação / Edição: Eliege Fante

Projeto gráfico e editoração: Lavoro Comunicação & Marketing - www.lavorocm.com.br

O Recado da Terra circula uma vez ao ano. Esta edição foi impressa em novembro de 2012. Para mais informações, acesse www.capa.org.br

Instituições parceiras:



O que o aquecimento global nos ensina?

A superação das desigualdades é o desafio do século XXI. Seja ela econômica ou social, e por que não dizer ambiental também, na medida em que os habitantes dos territórios, sejam ambientes naturais paraísos ou não, são impedidos de frequentá-los quando não removidos da paisagem para ceder lugar aos turistas, a construção de hotéis, resorts, barragens, fábricas, empreendimentos que geram o chamado desenvolvimento. A busca pela justiça socioambiental tornou-se um objetivo. Implicado nessa ação está o reconhecimento do outro, do amor e respeito ao próximo como a si mesmo, seja o próximo do reino animal, vegetal ou mineral.

Para o autor do Atlas Ambiental de Porto Alegre, geólogo e professor da UFRGS, Rualdo Menegat, é o aquecimento global que está ensinando a humanidade que a vida no Planeta Terra tem limites. Limites para as atividades de exploração, produção, do uso de cargas tóxicas e perigosas, limites para pescar, para cortar árvores. "Há até uns 20 anos, a humanidade acreditava que podia fazer o que bem entendesse. Desde o século XIX, com a invenção dos motores, com a revolução industrial, acreditava-se que se tinha um futuro ilimitado pela frente," lembrou.

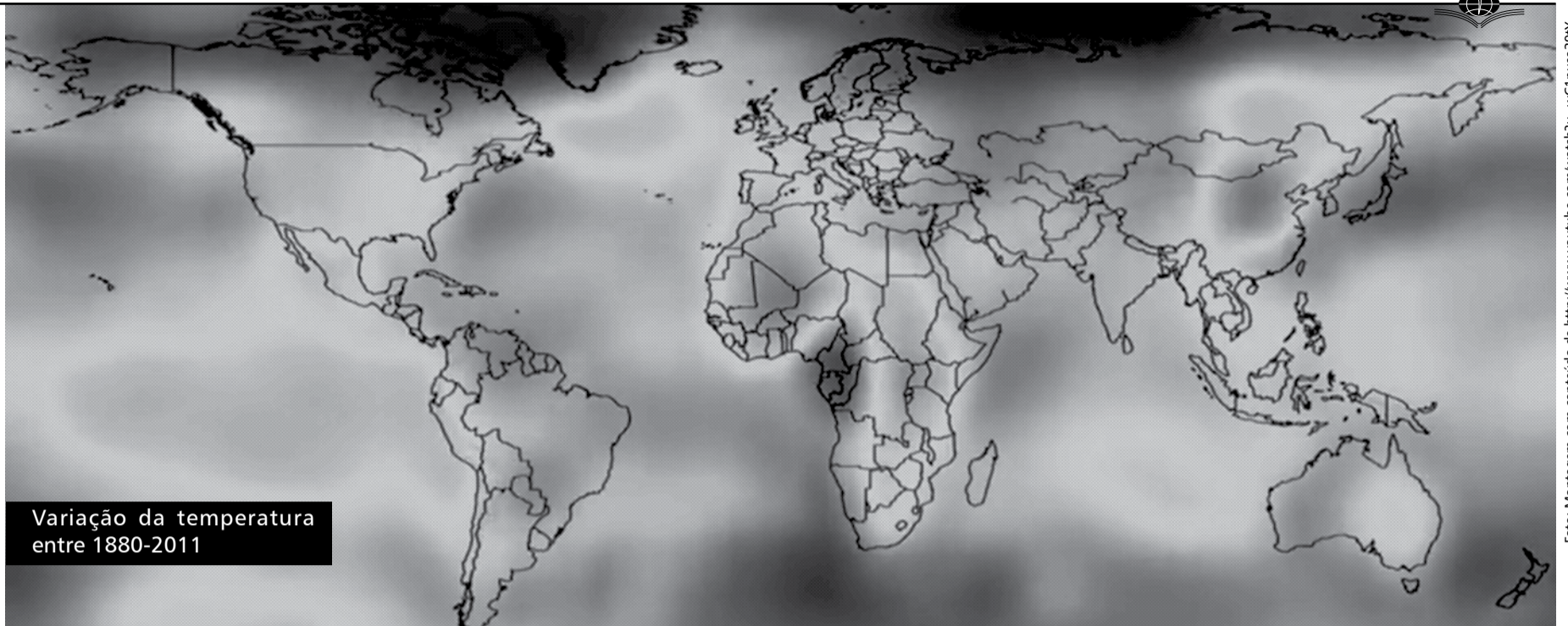
O pesquisador vê o aquecimento global como um espelho que mostra as desigualdades das nações do mundo e a vulnerabilidade delas diante das consequências desta mudança climática. "É um novo espelho para uma humanidade que não

quer enxergar o óbvio, que existe dois bilhões de pessoas em estado de pobreza, que existem apenas alguns milhões com muita riqueza. É hora da humanidade ter outros valores para fazer as comparações culturais. Não só de avanços tecnológicos, mas relacionados às condições materiais de certas sociedades que foram e estão praticamente condenadas no planeta," explicou. Menegat destaca os diferentes impactos sofridos pelas nações. Contou que Bangladesh, país situado em um delta fluvial na Ásia, vai sofrer muito com a elevação de 40 cm do nível do mar e, muitíssimo mais se a elevação alcançar 1,20m. Já os países europeus, pontuou, sofrerão muito menos. "Uma família pobre que tem uma singela casa perde tudo o que conseguiu na vida em uma inundação ou enxurrada. Enquanto que uma família de classe média ou alta, se perder a casa da praia, tem outro apartamento, terá onde morar, não perde tudo o que conseguiu na vida. Por isso, não podemos olhar os impactos do aquecimento global como se fosse algo que pode ser recuperado facilmente. Para algumas populações será a perda total de uma vida inteira investida," disse.

O cientista apela para que haja um olhar realista e sincero sobre as mudanças do clima. "Não podemos olhar como se fosse um problema dos outros porque hoje de fato os eventos que ocorrem no planeta são globais. Se o aquecimento continuar nesta escalada e as geleiras dos Andes no Peru derreterem totalmente e os rios deixarem

de ter a sua fonte de água, deixarem de ter o caudal que tem hoje, de onde as cidades grandes como Lima vão tirar água para os seus oito milhões de habitantes? Para onde irão essas pessoas? Todos serão impactados." Ao ilustrar esta reflexão, citou o terremoto ocorrido no Haiti em 2010. Lembrou que o país está longe da recuperação e milhares de sobreviventes do desastre migraram para outros países em busca de oportunidades. Outro efeito apontado por Menegat é a afetação cultural que passam as vítimas. "Desde o terremoto de Manágua em 1972, capital da Nicarágua, as casas não foram pintadas, estão semiconstruídas porque as pessoas não tem vontade de melhorar a paisagem. Isso é o que causa um desastre e não nos damos conta, só quem sofre. É preciso também cuidar das questões do espírito para que a vida na Terra seja feliz."

A partir destes cenários descritos, o professor acredita que o século XXI tende a ser de grandes migrações humanas e de exacerbção de um problema político já enfrentado: as xenofobias culturais. "As migrações assustam algumas culturas fechadas, homogêneas, egoístas como as europeias e as norte-americanas e que diante dessas migrações poderão ter reações xenofóbicas típicas do século XX," descreveu um problema político decorrente dos efeitos climáticos. Segundo Menegat, além de aprendermos limites, precisamos preparar as culturas humanas para que se aceitem mais.



Os sinais do aquecimento global

Em artigo publicado em um dos principais jornais brasileiros em agosto de 2012 (Mudanças climáticas e os 'céticos'), o professor emérito e ex-reitor da Universidade de São Paulo (USP), agraciado internacionalmente com prêmios na área ambiental, José Goldemberg, afirmou categoricamente que "no caso do aquecimento global não há 'dois lados'". Ele se referia ao ceticismo evidenciado rotineiramente por certas mídias, empresas e governos, determinados setores da sociedade que negam as mudanças climáticas. Para ele, atender ao interesse público significa incentivar a adoção de políticas públicas como as que podem reduzir o uso dos combustíveis fósseis e prevenir o aquecimento da Terra.

O doutor em Meteorologia e professor da UFRGS, Moacir Berlato, recordou acontecimentos recentes em palestra aberta no Instituto Goethe, que evidenciam alguns extremos climáticos já no século XXI. De início, viu-se que a primeira década foi a mais quente de toda a história dos registros meteorológicos do mundo. Na sequência, ele mostrou que julho de 2012 foi o mês mais quente da história dos Estados Unidos. Referindo-se ao Brasil, mencionou a seca sofrida na Amazônia em 2005, um ano de fenômeno El Niño, com previsão de maior precipitação, portanto. Cinco anos depois, o bioma sofreu uma seca mais extensa e, novamente, em ano de El Niño.

Salto na temperatura

Berlato confirmou que sempre houve mudanças no clima. Mas, mostrou uma grande mudança nos 1970, "um salto" como denominou, principalmente no Hemisfério Norte. E, ainda, que em todo o século XX a temperatura aumentou 0,7°C. Já nos cinco primeiros anos do século XXI, a temperatura aumentou 0,5°C.

Segundo o professor, os estudos indicam a correlação entre aumento de dióxido de carbono (CO₂) na atmosfera e aumento da temperatura. "Em 1896, Arrhenius viu que a duplicação do gás carbônico na atmosfera

causaria o aumento da temperatura na Terra entre 5°C e 6°C. O aumento do efeito estufa na atmosfera já era visto como causa do aquecimento global," disse.

O efeito estufa foi identificado em 1827 por Fourier ao fazer medições de temperatura dentro e fora de uma casa de vidro, conforme Berlato. "Assim como ocorre em uma estufa, no planeta uma onda curta de calor passa pela atmosfera, mas a radiação de volta, em onda longa, é interceptada pelos gases de efeito estufa (GEE's) que estão na atmosfera, deixando-a opaca. Com isso, a atmosfera retém o calor e a temperatura do planeta aumenta," explicou.

O efeito estufa é um fenômeno importante porque faz um balanço da radiação e permite a existência da vida. Entretanto, o calor retido na atmosfera equivalente a 275 partes por milhão de dióxido de carbono no século XIX*, encontra-se em cerca de 392 partes por milhão de CO₂ e em elevação em cerca de duas partes por milhão a cada ano. Ainda segundo a Campanha 350.org, a redução das emissões para o número que intitula a mobilização global é fundamental para garantir a segurança da humanidade e evitar impactos extremos.

Adaptação

De acordo com o professor Berlato, os principais gases de efeito estufa (GEE's) são: dióxido de carbono ou CO₂ (63%); metano ou CH₄ (24%); óxido nitroso ou N₂O (10%). Ele apresentou mapas que dão conta de que o maior volume de emissões destes GEE's por atividades industriais provem da China, dos Estados Unidos e dos países da Europa, devido à queima de combustíveis fósseis (petróleo, gás natural e carvão mineral). Os países em desenvolvimento como o Brasil e o Peru, na América Latina e, a Nigéria, o Sudão e o Sudão do Sul no continente africano, estão entre os maiores emissores de GEE's por atividades relacionadas ao uso da terra, principalmente, o desmatamento de suas florestas.

Neste sentido, a crítica ao agronegócio

se justifica pelo desmatamento com vistas a implantação das monoculturas dependentes do pacote agroquímico. Conforme o divulgado pelo Instituto de Pesquisa Ambiental da Amazônia (IPAM), além do desmatamento liberar preocupantes quantidades de dióxido de carbono antes armazenadas na biomassa das florestas, o uso dos fertilizantes utilizados na agricultura libera óxido nitroso (N₂O), um gás de efeito estufa cujo potencial de aquecimento é 310 vezes superior ao CO₂. Os arrozais e a pecuária devido à digestão dos ruminantes, por sua vez, emitem metano (CH₄), cujo potencial de aquecimento é 21 vezes maior ao CO₂.

Os cientistas concordam que a mudança na temperatura global deve-se mais a causas antrópicas do que naturais. Pois, segundo o IPAM, as emissões globais de carbono se devem 80% à queima de combustível e 20% a mudança de uso do solo. O professor Berlato arrolou algumas tendências de mudança do clima no Rio Grande do Sul, como o aumento da nebulosidade diurna, forte redução da insolação, redução da amplitude térmica diária, aumento do vapor d'água na atmosfera, aumento de noites quentes no verão e no outono, aumento de ondas de calor e de precipitações intensas. Para ele, furacões como o Catarina em 2004, o primeiro do Atlântico Sul, possivelmente irão se repetir, assim como o tornado que atingiu Santa Bárbara do Sul (RS) em julho deste ano.

"A palavra é adaptação," afirmou Berlato. "É preciso ter monitoramento para minimizar os efeitos das mudanças climáticas. Os que mais vão sofrer são os que não foram responsáveis pelo aquecimento." Para ele, a pior estratégia será a inação, o "pagar para ver", definiu.

*medida que representa a proporção de moléculas de dióxido de carbono para cada 1 milhão de moléculas da atmosfera (Fonte: Campanha 350.org).

O amor ao próximo e a cidadania em favor da biodiversidade

É preciso haver a integração das organizações que tem esse princípio e o uso do conhecimento sobre as substâncias que inviabilizam a vida

Os países chamados desenvolvidos, como os europeus, os EUA e o Canadá, já tomaram medidas contra os usos de substâncias artificiais que ameaçam a saúde de todos os seres do Planeta e agudizam os problemas ambientais, como a emissão de gases de efeito estufa, agravadores do aquecimento global e também responsáveis pelas mudanças climáticas. Mas, o engenheiro agrônomo e advogado Luiz Jacques Saldanha chama a atenção para a complexidade do consumo cotidiano. "Nós respiramos, ingerimos, bebemos e tocamos dioxinas, ftalatos, nonilfenóis e outras substâncias sintéticas em cosméticos,

alimentos, embalagens. São produtos de consumo diário, comprados e levados na sacola do mercado," afirma.

Saldanha defende uma postura cidadã a ser incentivada especialmente pelas organizações cristãs no momento das escolhas de quaisquer produtos. Por exemplo, ele ressalta a urgente desmistificação que precisa ocorrer quanto ao entendimento de que o plástico é limpo. "Se o que sai de resíduo da indústria é tóxico, como o produto é limpo? A indústria expõe contaminantes pelo ar através da fumaça e sólidos pela água, os quais necessitam ser tratados antes de ir para a natureza. Este resíduo é o que sobrou do plástico, como as beiradas, as pontas. Não entendo como as pessoas não se dão conta."

Mudanças referentes aos usos de produtos

contaminados e no que diz respeito à construção de políticas públicas são vistas com maior efetividade por Saldanha nos países mais rigorosos na vigilância em saúde. Ainda que a mesma indústria que migrou do hemisfério norte para o hemisfério sul do planeta, fugindo das restrições de poluição ambiental, pressione em favor do próprio negócio. "A Organização das Nações Unidas (ONU) e os demais órgãos, como o da Alimentação e da Agricultura (FAO) e o da Saúde (OMS), são dominados pelas indústrias. Em vez dos cidadãos estarem na 11ª Convenção das Partes da Conferência das Nações Unidas para a Biodiversidade (outubro de 2012, na Índia), defendendo uma maior proteção, é a indústria, que tem poder e dinheiro, que pressiona para se apropriar da biodiversidade e gerar mais produtos comerciais."



Enlatados com a lâmina de policarbonato no interior a esquerda, e epoxi (esbranquiçada) na direita, e a opção em vidro



Copos de poliestireno: da esquerda é poliestireno expandido – marca "isopor"



Babeiros feitos de pvc ou vinil

Fotos: Luiz Jacques Saldanha

Maquiagem verde

O plástico da Braskem chamado de verde, que começa a ser utilizado e colocado no mercado por várias empresas, é uma tecnologia aceita sem questionamentos, tanto pelas mídias quanto pelos demais setores da sociedade responsáveis por informar os cidadãos. Segundo Saldanha, o petróleo natural e biodegradável tem como problema atribuído à emissão de gases de efeito estufa os usos do carbono, o foco da indústria petroquímica. A partir dele são criadas substâncias artificiais que vêm causando graves impactos ambientais. As moléculas sintetizadas nos polos petroquímicos vão das resinas plásticas aos venenos agrícolas, aos detergentes sintéticos, aos fármacos, dentre outros. Para Saldanha, o "verde" do plástico da Braskem seria devido à troca da fonte do carbono, que passa a ser a cana-de-açúcar, uma fonte renovável. Entretanto, não são contabilizados os impactos decorrentes dessa monocultura tampouco os equivalentes impactos na produção de plástico.

Para ele, o aspecto mais cruel do uso destas substâncias está na capacidade de imitação do efeito do hormônio feminino, o estrógeno, causando a feminização dos machos e a masculinização de fêmeas em humanos e outros animais. Nos EUA está em revisão a legislação sobre os produtos químicos, e na Europa já existem mercados de objetos livres de componentes sintéticos. "As mulheres deveriam ser mais críticas e atuantes, porque é através do corpo delas que os bebês recebem as substâncias artificiais. Por isso, meninas e meninos estão nascendo alterados," disse. Mais informações estão disponíveis no www.nossofuturoroubado.com.br

"O conhecimento está disponível, é preciso que as pessoas saiam da acomodação. Quando a indústria vem e diz que traz desenvolvimento, é preciso averiguar se há uma visão integral, se ela considera os impactos que vai causar," conclui Saldanha.

Defesa da saúde

A Sociedade Brasileira de Endocrinologia e Metabologia está em campanha de sensibilização dos órgãos governamentais. A recomendação é que se evite a exposição aos desreguladores endócrinos, seja informando-se sobre o que são e os riscos para a saúde, seja pressionando as autoridades e empresas por mudanças.

O Bisfenol A, encontrado, em sua maioria em plásticos e resinas, os pesticidas e herbicidas usados na lavoura, são inadvertidamente ingeridos.

Tais substâncias alteram o sistema endócrino, modificando o sistema hormonal do organismo, gerando prejuízos irreversíveis à saúde. Mais em

<http://www.desreguladoresendocrinos.org.br/>



Da Estrada do Cantagalo é possível identificar a mata preservada graças a terra indígena

A cosmovisão indígena guarani

Soluções humanas aos problemas criados pelos humanos

Enchentes, inundações, desmoronamentos e também as mudanças nos ciclos dos cultivos, que estão ocorrendo em diversas partes do mundo com maior frequência e maior intensidade, que são evidências das mudanças climáticas, já eram previstos pelos anciãos das aldeias Guarani. Segundo o representante indígena Vherá Poty Benites da Silva, 25 anos, a conclusão a que os antigos chegaram resulta da observação dos modos de ser e de viver dos brancos, a partir da invasão dos povos da Europa nos continentes. “O seu modo de vida trouxe destruição, desmatamento, sujeira, construções inadequadas, ações que prejudicam o respirar da Terra, modificam o espaço, interferem no funcionamento da natureza”, afirma.

Há pessoas que consideram o modo simples de viver dos indígenas como não desenvolvido. Entretanto, às vésperas da Conferência Mundial do Clima deste ano, o secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU) para a Rio+20, ShaZukang, diagnosticava que se o Brasil, assim como outros países ditos “emergentes” adotassem o estilo de vida dos países denominados como desenvolvidos, seriam necessários cinco planetas Terra.

Antes das soluções tecnológicas incentivadas pela economia verde, 21 cientistas ganhadores do reconhecido Prêmio Planeta Azul (criado pela organização japonesa Asahi Glass Foundation

durante a Rio92), signatários de um documento divulgado no início de 2012, alertavam que precisamos de soluções humanas ao mesmo tempo em que admitiam a falência do atual sistema e a ameaça de colapso da civilização. Neste sentido, os povos autóctones, cujos estudos arqueológicos indicam a sua presença desde 11 a 12,5 mil anos, têm muito a contribuir neste debate.

Saber tradicional

Para Vherá Poty, o que leva à destruição é a ambição pelo dinheiro. “A situação é quase irreversível, é urgente haver uma conscientização. Nós não damos o mesmo valor ao dinheiro que o branco. Vivemos na simplicidade, conforme a natureza, porque entendemos os seus processos e o funcionamento do universo,” disse.

Ele cobra do Estado brasileiro o reconhecimento e uma maior valorização dos povos originários por meio também de políticas públicas que permitam as condições de vida a partir do seu modo de ser.

O representante indígena, que já foi cacique e é professor de línguas e de música, critica as falsas soluções propostas pela economia do crescimento e pela economia verde. “Criam tecnologias que, na realidade, não resolvem os problemas ambientais criados. O humano é uma pequena parte da criação do universo. A ciência que não ouve a Terra, que não entende o seu funcionamento,



Reprodução da capa

Livro que divulga modo de ser e de viver do guarani

tem disponibilizado tecnologias para a destruição,” afirma.

Vherá Poty conta que aldeias de Santa Catarina e do Paraná receberam propostas de preservação de suas florestas dentro do sistema dos créditos de carbono e compensações ambientais. Mas não aceitaram, por não terem ambição pelos lucros propostos pela economia verde. “Há lideranças com mais consciência e que não fizeram acordo sobre créditos de carbono. Nós preservamos a mata, independente de alguém pagar,” disse, criticando também as empresas que negociam os créditos de carbono por meio dos plantios arbóreos.

“O desmatamento precisa acabar e o verdadeiro reflorestamento precisa ser feito com

mudas nativas porque são elas que permitem a existência da biodiversidade.” Para ele, a agroecologia é o modelo de produção que oferece a sustentabilidade ecológica – ambiental, social e econômica – aos que dependem da terra para produzir alimentos.

Troca de conhecimentos

Na Terra Indígena do Cantagalo, 297 hectares preservados em Porto Alegre (RS), a natureza viva contrasta com o entorno, onde as áreas produtivas se mostram dependentes do modelo de exaustão dos bens coletivos e finitos. “Ouvimos críticas de que somos atrasados, mas o nosso entendimento é de agir da maneira mais adequada para não produzir ‘bombas’ no universo que depois irão estourar dentro da nossa própria casa.”

Antes do final de 2012, Vherá Poty acredita que já terá sido instalado no Cantagalo um Ponto de Cultura, uma parceria com o Ministério da Cultura, para articular e impulsionar as ações que existem nas comunidades. Para 2013, a expectativa da jovem liderança é de realizar um evento em julho que inclua uma vivência dos brancos na aldeia. “Queremos estabelecer o diálogo, trocar conhecimentos com o branco. Vamos apresentar como vivemos para que possam entender as nossas atitudes e como atendemos as nossas necessidades.”

Pequena agricultura busca a justiça socioambiental e se prepara para enfrentar as mudanças climáticas

A agricultura familiar detém 20% das terras no Brasil, mas é responsável por 70% da produção dos alimentos que atendem a população. E, ainda, a agricultura familiar responde por 30% das exportações agropecuárias. Contudo, antes de procurar obter os resultados econômicos, a preocupação do pequeno agricultor está na convivência harmônica com o ambiente que possibilita a sua existência. Com a visão em longo prazo, ele se mobiliza na defesa dos interesses da vida visando reduzir os impactos do aquecimento global



Propriedade resiliente às mudanças do clima

Experiência mostra a conquista do equilíbrio na lavoura somente com o uso de insumos naturais e a superação da estiagem



Propriedade resiliente e Reunião entre CAPA Núcleo Erexim e PGDR/UFRGS sobre o Projeto "Fortalecimento das Agroflorestas no RS"

Álvaro Armando Luetjohann e Adriane Terezi- nha Luetjohann, são casados há 17 anos e tem dois filhos, Morgana Elisa de 16 anos e Jonas Elias de 12. A família de Chapadão, interior do município de Candelária, RS, tem uma história muito rica de prática da agroecologia. Produzem feijão e feijão azuki consorciado com milho crioulo destinado a produção de farinha, erva mate, frutas e ovos para comercialização através da cooperativa Ecovale, além da produção para o consumo da família.

Na primavera-verão de 2011/2012, a região onde vivem também passou por uma prolongada estiagem, que se estendeu até o início do outono. "Tivemos uma chuva boa para molhar a terra no ano novo, e no restante a chuva era uma raridade", nos conta Adriane. "Mesmo assim, foi a nossa melhor safra de feijão de todos os tempos", completa Álvaro. Ele explica: "Na minha visão, as plantas resistem muito mais a seca no cultivo orgânico, porque a terra está curada. No período de estiagem costumávamos chegar à lavoura e ver as plantas todas murchas, mas durante a noite se recuperavam. Usamos o composto orgânico e os inoculantes biológicos que também ajudaram a dar resistência às plantas. Outra prática que procuramos adotar é a rotação e a consorciação

de culturas. Nunca plantamos mais do que duas safras seguidas na mesma área e fazemos o plantio consorciado com três fileiras de feijão e uma de milho". Eles contaram também que não tiveram problemas com a mosca branca devido ao equilíbrio que se encontram as plantas. Para a família de Candelária, o uso dos insumos químicos deixa a terra doente, além de interferir no próprio sabor do alimento.

Outro aspecto lembrado é que a região onde vive a família Luetjohann é montanhosa e possui uma boa cobertura florestal, inclusive nativa. As lavouras da família Luetjohann estão rodeadas de matas, o que influi na sua proteção. "O pessoal do campo, região baixa, com pouquíssima cobertura florestal, costuma dizer: vocês lá em cima sempre ganham mais chuvas do que a gente", conta Álvaro.

Como recado final, o que significa toda esta experiência de vocês? "Significa saúde, a coisa mais importante. A preservação da saúde começa pelo saudável. Se os governantes se dessem conta disso investiriam mais na produção de alimentos orgânicos e gastariam menos com a doença", arrematam Álvaro e Adriane.

(por CAPA Núcleo Santa Cruz)





Jornada pela preservação do milho crioulo

Experiência mostra a viabilidade da agricultura sustentável a partir do material genético e das sementes produzidas pelos próprios agricultores

Em 2010 e 2011 o Conselho do Fundo Estadual de Apoio ao Desenvolvimento dos Pequenos Estabelecimentos Rurais do Estado do RS, FEAPER, inseriu as sementes transgênicas no programa estadual Troca-troca. Para preservar e multiplicar as sementes crioulas, em especial a de milho crioulo, o CAPA Núcleo Pelotas, através do Fórum de Agricultura Familiar, realizou um movimento para que os agricultores familiares, prefeituras e sindicatos não pedissem as sementes transgênicas do Troca-troca. Outra medida foi a doação de 30 toneladas de milho crioulo para seis mil famílias de agricultores familiares.

Reverter a decisão do Conselho do FEAPER só foi possível neste ano, através da mobilização do CAPA Núcleo Pelotas e do Fórum da Agricultura Familiar, por meio do grupo de trabalho Sementes Crioulas. Os conselheiros do FEAPER derrubaram por nove votos a seis a distribuição de sementes transgênicas como política pública e aprovaram a compra e a distribuição de sementes crioulas pelo Estado.

O avanço das sementes de milho geneticamente modificadas coloca em risco a produção de alimentos por contaminar as lavouras crioulas, ameaçar a diversidade ambiental, promover a concentração em poucas variedades; tirar a autonomia da agricultura familiar e causar a sua dependência na aquisição das sementes. E, ainda, por trazer riscos à saúde, tanto no manejo quanto na utilização dos alimentos transgênicos.

A produção de milho crioulo faz parte do dia-a-dia do agricultor, seja na alimentação direta através de pães, broas, bolos, biscoitos seja como fonte de energia para a sua propriedade, alimentando animais de tração, produção de leite, ovos e carne. Essa produção é mantida com lavouras de milho que se multiplicam ao longo dos anos nas propriedades, onde os agricultores utilizam sementes próprias, garantindo alimento, renda, sustentabilidade ambiental e cultural.

O Território Zona Sul do Estado/RS, onde o CAPA Núcleo Pelotas está inserido é composto por 32 mil propriedades de agricultores familiares, quatro mil famílias distribuídas em 117 assentamentos de reforma agrária e mais de 40 comunidades quilombolas.

(por CAPA Núcleo Pelotas)

Foto: CAPA Núcleo Erexim



Identificação e Mapeamento de Sistemas Agroflorestais no RS

Experiência mostra o respeito a aptidão natural dos agroecossistemas e a valorização dos conhecimentos tradicionais

O Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, CAPA Núcleo Erexim, desenvolve em parceria com o curso de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), o Projeto "Fortalecimento das Agroflorestas no RS: formação de rede e segurança alimentar e nutricional". O objetivo é desenvolver, divulgar conhecimentos e fortalecer as ações de ATER sobre Sistemas Agroflorestais, nas diferentes regiões do Estado. Conforme o divulgado, o trabalho iniciou-se em março de 2011 com a identificação e mapeamento das experiências, e a seleção de 150 experiências para visita e sistematização. Dentre estas, encontra-se uma experiência assessorada pelo CAPA, em Severiano de Almeida, do Sr. Ilmo Regner.

Segundo o CAPA Núcleo Erexim, a experiência ocorre em uma área improdutivo, com uma vegetação rasteira e algumas árvores e arbustos. Após um pequeno manejo plantou-se mudas de abacaxi, mamão e banana. Com os bons resultados a área foi ampliada e os frutos passaram a ser comercializados incrementando a renda familiar.

As informações obtidas serão destinadas à elaboração de um mapa agroflorestal do Rio Grande do Sul, além da composição do panorama geral dos trabalhos desenvolvidos em sistemas agroflorestais.

(por CAPA Núcleo Erexim)



Articulação da Campanha Embalagens de vidros retornáveis

Experiência põe em prática o conceito da reutilização de materiais, diminuindo o volume de descartes, os custos de produção e o valor dos produtos

O alto custo para adquirir vidros para o envase da produção ecológica motivou a realização da campanha. Para a divulgação foram distribuídos selos e materiais informativos à cerca de 700 pessoas ligadas a agricultura ecológica de Pelotas. Três agroindústrias da região que também sofrem a falta de devolução dos vidros retornáveis receberam os selos para etiquetar os seus produtos.

Ao mesmo tempo, o CAPA esclarece as famílias cuja produção é artesanal e agroindustrial de sucos, geleias e conservas sobre as boas práticas de higienização dos vidros a serem reutilizados.

A devolução dos vidros com o selo da campanha "Embalagens de Vidro Retornáveis" já resulta em um desconto de 6% para a aquisição de um novo produto.

(por CAPA Núcleo Pelotas)

Aliança cristã apela para investir em agroecologia

Documento defende o atendimento das necessidades da crescente população mundial, a redução da emissão dos gases de efeito estufa e a resiliência à mudança climática já inevitável

A Aliança Ecumênica de Incidência Política (AEIP)* publicou recentemente um documento clamando por maiores investimentos em formas de agricultura sustentável, porque favorecem os pequenos produtores e as comunidades locais bem como vêm em benefício do meio ambiente e da base de recursos naturais.

"Alimentar o Mundo: Intensificar a Agroecologia"* traz numerosos exemplos de métodos agroecológicos bem sucedidos para aumentar o rendimento de agricultores que empregam recursos naturais localmente disponíveis, os quais simultaneamente baixam ou até eliminam a dependência dos agricultores de fertilizantes e pesticidas químicos, caros e poluentes.

Dados globais sobre a fome publicados agora pela Organização para Agricultura e Alimentação das Nações Unidas, pelo Fundo Internacional de Desenvolvimento Agrícola e o Programa Mundial de Alimentos, destacam a urgência de investir em políticas e práticas eficazes para alimentar o mundo. Quase 870 milhões de pessoas, ou seja, uma em cada oito pessoas, sofreram de subnutrição crônica entre 2010 e 2012. De acordo com o relatório, o progresso global para reduzir a fome sofreu estagnação desde 2007-2008, pelo que aumentou o número de pessoas famintas na África e também em regiões desenvolvidas. Mais de uma dentre quatro pessoas na África estão cronicamente famintas.

"Enfrentar a fome não significa, em primeiro lugar, produzir mais alimentos", diz Christine Campeau, que coordena a campanha da AEIP. "Importa investir de forma responsável em práticas agrícolas sustentáveis e mudar hábitos de consumo exagerado, o que virá em benefício das pessoas, das comunidades e do meio ambiente, de imediato e à longo prazo."

O documento aponta para um caminho alternativo àquele que em nossos dias está sendo promovido por algumas iniciativas governamentais e do setor privado e que consiste em expandir o estilo agrícola industrial do tipo da "revolução verde". Esse tipo de agricultura, sem dúvida, aumentou a produção de alimentos nas últimas décadas, mas também deses-

tabilizou a base dos recursos naturais, sendo o responsável de grande parte da biodiversidade perdida, como também está contribuindo - direta e indiretamente - com 30% do total das emissões de gases de efeito estufa atualmente oriundos do setor agrícola.

"Em países desenvolvidos, onde a monocultura industrial constitui o modelo agrícola prevalente, é fácil esquecer que a maior parte dos alimentos no mundo é produzida por pequenos agricultores", declara Peter Prove, diretor executivo da AEIP. "A resposta para a fome e a insegurança alimentar não consiste em transformar mais dessas pequenas propriedades em grandes plantações, que prejudicam tanto as comunidades locais como o meio ambiente; e, sim, importa investir no compartilhar de conhecimentos, no uso das redes eletrônicas e em práticas sustentáveis, as quais comprovadamente aumentam o retorno, protegem o ambiente natural, fortalecem as comunidades e melhoram a resiliência face às mudanças climáticas."

"Isso tem tudo a ver com a boa administração da criação de Deus e com a obrigação de vir ao encontro, em primeiro lugar, das necessidades das pessoas e das comunidades, e não, das corporações ruralistas", destacou Nigussu Legesse, diretor de Programas para a África do Conselho Mundial de Igrejas e membro do Grupo Estratégias de Alimentação da AEIP.

"Agroecologia será necessária se quisermos encontrar uma saída dos complexos desafios da segurança alimentar, da mitigação das mudanças climáticas e da adaptação às mesmas, no futuro", diz o documento em sua conclusão. "Em termos de mudança climática, a posição do tipo business as usual, ou seja, a manutenção das práticas habituais no âmbito da produção de alimentos, não é uma opção. A agroecologia oferece a perspectiva de uma produção sustentável de alimentos para atender às necessidades de uma população mundial ainda crescente, enquanto ao mesmo tempo reduz a emissão de gases de efeito estufa no setor agrícola, cria resiliência à mudança climática já inevitável, protege a biodiversidade e sustenta as comunidades e a manutenção da vida rural."

O documento foi publicado previamente à reunião da Comissão de Segurança Alimentar (CSA) em Roma, de 15 a 20 de outubro. Representantes da sociedade civil que participam da CSA, como parte de um mecanismo da sociedade civil, estão apelando aos membros da CSA para agirem imediatamente em prestar ajuda os pequenos produtores de alimentos para se adaptarem às mudanças climáticas e se prevenirem contra mais impactos danosos sobre a segurança alimentar em decorrência da mudança do clima. Neste sentido, a AEIP está pleiteando:

1. Investimentos muito maiores em pesquisa de métodos agroecológicos de produção de alimentos a partir dos saberes tradicionais e das melhores práticas existentes, com o propósito de fortalecer a agricultura dos pequenos produtores com baixa emissão de gases e elevada produtividade no contexto de mudanças climáticas.
2. Maior apoio para a criação e a expansão de redes de comunicação entre agricultores nos níveis locais em todo o mundo em desenvolvimento, para compartilhar informações e os melhores procedimentos na produção agroecológica de alimentos.
3. Viabilização de políticas ambientais nos níveis nacional e internacional, reconhecendo o papel central dos pequenos produtores na segurança alimentar global e apoiando a produção agroecológica de alimentos baseada na pequena propriedade e programas de extensão agroecológica nos níveis nacional e local.
4. Maior apoio para a criação e expansão de associações de produtores para melhorar as oportunidades de comercialização e a força coletiva dos pequenos produtores e de suas comunidades.
5. Controle e administração mais eficazes dos impactos negativos da influência corporativa nas políticas e práticas rurais.
6. Atenção mais concentrada e eficaz à diminuição do desperdício de alimentos em toda a cadeia de distribuição.

*O documento original da entidade Ecumenical Advocacy Alliance (EAA), Nourishing the World: Scaling Up Agroecology, está disponível neste sítio da internet: <http://tinyurl.com/EAAagroecology2012>



Situando o conceito do Bem Viver

Carlos Gilberto Bock

Secretário executivo da Fundação Luterana de Diaconia (FLD)

O conceito bem viver deriva-se dos povos andinos, em especial dos povos indígenas Quéchua (que hoje vivem no Equador, e cuja expressão na sua língua materna é Sumak Kawsay) e dos povos indígenas Aymará (que hoje vivem na Bolívia, e cuja expressão na sua língua nativa é Suma Qamaña).

Sumak Kawsay literalmente significa viver em plenitude. Há duas compreensões que são centrais no conceito de bem viver para os povos andinos, a saber, o sentido de pertença à natureza e o sentido de pertença à comunidade. Trata-se a rigor de uma cosmovisão, que tem como seu fundamento espiritual e religioso o entendimento de que toda a vida é sagrada e impregnada com o transcendente, e que se expressa num sistema social que promove o equilíbrio, a reciprocidade e a convivência de forma colaborativa entre os membros da comunidade, e na relação com a natureza.

Seu uso mais recorrente no atual momento, também da teologia, indica de um lado, a valorização de uma sabedoria e vivência indígena ancestral, e de outro, a crise do atual sistema socioeconômico que gera a crescente exploração da natureza e a exclusão de países, povos e pessoas.

Num contexto de crise global (econômico-financeira, ambiental ou climática) quais são as alternativas e respostas possíveis do ponto de vista sistêmico? Neste cenário, penso que os povos indígenas, inclusive as comunidades andinas, com a sabedoria do Sumak Kawsay, podem trazer importantes contribuições, também como crítica ao sistema capitalista e ao modo de produção e de consumo das nossas sociedades. Assim, não obstante a sua importante contribuição, há que se tomar certo cuidado para não se fazer uma apropriação indevida deste conceito, ao deslocá-lo do seu próprio contexto e cultura. Como conceito, ele também precisa ser interpretado e traduzido para os diferentes contextos de vida.

Na essência, o que está em questão no atual diálogo sobre o bem viver é a crítica ao modelo de desenvolvimento que predomina nas nossas sociedades. Assim, este diálogo está em sintonia com a busca de modelos de desenvolvimento que sejam ambientalmente mais sustentáveis e mais inclusivos do ponto de vista social, econômico e cultural. Tais modelos deverão levar em conta alguns princípios fundamentais, entre os quais: a) Defesa da terra e do território; b) Defesa da mata e da biodiversidade; c) Preservação das águas e dos peixes; d) Preservação das sementes crioulas; e) Preservação das culturas nativas; f) Preservação da culinária e das receitas tradicionais; g) Modelo de vida comunitário, com ênfase na partilha, na hospitalidade e na solidariedade (sem grandes desigualdades); h) Viver sem acúmulos e sem desperdícios; i) Valorizar o passado e a tradição e mostrar contentamento com o momento presente.

O texto original, que pode ser lido em www.fld.com.br, foi apresentado no seminário organizado pelo COMIN, sob o título Bem viver na criação de Deus, nos dias 21 e 22 de maio de 2012, em São Leopoldo.



Representação da Pacha Mama, do quáchua *Pacha*, "universo", "mundo", "tempo", "lugar", e *Mama*, "mãe", "Mãe Terra"

Diferentes dimensões do Bem Viver na cosmovisão indígena

Bem viver, territorialidade e meio ambiente

A relação com a terra e com o meio ambiente é estruturante na cosmovisão e no modo de viver indígena. Bem viver é a terra livre, são as águas puras e as florestas sagradas. A preservação das florestas é fundamental para o bem viver indígena. Todos os seres têm vida. Por isso, o bem viver deve ser para todos os seres.

Bem viver e cultura

Viver bem é preservar a cultura dos antepassados. Saber compartilhar faz parte do bem viver.

Bem viver e economia

O modo de produção indígena respeita a mata. Bem viver é ter o suficiente para o momento presente. O que sobra é compartilhado. Não há acúmulo.

O trabalho é o esforço para ter o suficiente. O importante é o ter o suficiente para viver (alimento e saúde).

Bem viver e vida em comunidade

Bem viver inclui a todos e todas (que adianta se eu vivo bem e o outro não). Bem viver é ter respeito e compromisso com o outro.

CAPA tem projeto reconhecido entre as 48 melhores práticas do mundo

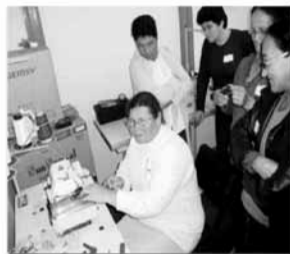
O projeto Digno Viver, para a inclusão quilombola, do CAPA/Pelotas, foi selecionado no Prêmio Internacional da ONU/HABITAT - “Best Practices and Local Leadership Programme”, e pode ser premiado como uma das 12 Melhores Práticas Mundiais

Ao mesmo tempo em que planeja a celebração dos 35 anos de atuação em 2013, o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, CAPA, comemora a escolha para concorrer à etapa final do Prêmio Internacional da ONU/HABITAT - “Best Practices and Local Leadership Programme”, de Dubai, para as 12 Melhores Práticas 2012. A Caixa Econômica Federal selecionou o projeto Digno Viver - inclusão quilombola para um digno viver, do Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor (CAPA/Pelotas), por meio do Melhores Práticas CAIXA, junto com outras 19 iniciativas.

O Digno Viver foi selecionado entre as 48 Melhores Práticas do Mundo do Prêmio Internacional. E, o projeto do CAPA concorre agora, ao Prêmio das 12 Melhores Práticas Mundiais, um resultado inédito até então nas edições anteriores segundo a Caixa. “Queremos repartir este prêmio e agradecer a colaboração de toda nossa equipe técnica e assessores, agricultores, quilombolas, conselheiros e Sínodo, Fundação Luterana de Diaconia e ISAEC,” disse a coordenadora do CAPA Núcleo Pelotas, Rita Surita.

Reconhecimento local

Para o coordenador do CAPA Núcleo Marechal Cândido Rondon (PR), Vilmar Saar, a IECLB foi muito corajosa ao criar o Centro de Apoio ao Pequeno Agricultor, que cresceu e passou a atender também os assentados, os indígenas, os quilombolas e os pescadores artesanais. O trabalho do CAPA diversificou ainda nas parcerias, já que conquistou o apoio de várias entidades, cooperativas, prefeituras, ministérios. “Conseguimos ao longo desses anos todos contribuir com a agricultura familiar para que persistisse e fosse reconhecida,” disse Saar, enfatizando



Fotos: CAPA Núcleo Pelotas



co atendido pelo CAPA tem obtido. Acreditamos que através da agroecologia é possível desenvolver uma agricultura susten-

tável, uma vida saudável e com geração de renda, e com isso o agricultor permanece no campo. Agradecemos a todos os agricultores familiares pela confiança depositada em nosso trabalho durante estes 35 anos de atuação, pois sem eles o CAPA não existiria.”

a gratidão às agências de cooperação. No Dia Mundial do Meio Ambiente, 5 de junho, o CAPA foi homenageado no Grande Expediente da Assembleia Legislativa do Estado. O deputado gaúcho Altemir Tortelli destacou a atuação do CAPA nos três estados do Sul do País e em 54 municípios do Rio Grande do Sul. Para ele, o CAPA representa a tendência da agricultura no mundo, cujo crescimento ultrapassa 40% a cada ano. O deputado citou dados do Ministério da Agricultura de 2010, que revelam que a agroecologia reúne 90 mil famílias de agricultores com um mercado de R\$ 1,3 bilhões de reais ao ano.

Superação de desafios

“Parafrazeando João Chagas Leite ‘Quem cuida o mato como cuida o passarinho, quem cuida o rio sem pretensão de pescar mais, tem a certeza que o sol nasce mais bonito...’ e é assim que nós sentimos ao completar 35 anos de história, de vivência agroecológica, construindo novas relações no campo e nas cidades, um trabalho comprometido com a luta dos agricultores e com a VIDA, celebrando uma nova realidade, fruto do trabalho coletivo, disse a coordenadora do CAPA Núcleo Erxim, Ingrid Margarete Giesel.

Os desafios enfrentados pelo CAPA diante das complexas conjunturas políticas e sociais foram lembrados pela coordenadora do CAPA Núcleo Verê, Elaine Zanetti. “Tudo é muito gratificante, todas as conquistas que o públi-

Visão à longo prazo

O coordenador do Núcleo Santa Cruz, Sighard Hermany, destacou a capacidade do CAPA em fazer a constante atualização da leitura do contexto social, ambiental e político. O que levou a antecipada e pioneira abordagem dos impactos da agroquímica sobre o meio ambiente e sobre a saúde das pessoas, com especial referência aos agrotóxicos. “A importância e o resgate da biodiversidade, a inclusão de gênero e a etnosustentabilidade, as preocupações com os efeitos climáticos e outros, com os quais o conjunto da sociedade passaria a se preocupar na sequência e que ainda são de extrema atualidade,” disse.

Segundo Hermany, também estão na essência do CAPA, a cooperação, a sinceridade, a honestidade, o respeito, a ética, e companheirismo, a gratidão pelo que se tem. “Assim como a paciência, a persistência e a perspectiva de longo prazo, cada vez mais sufocados pela sociedade de consumo, mas essenciais na construção de uma sociedade mais feliz, com os quais certamente teremos de nos ocupar mais nos próximos tempos,” concluiu.

Fruto da Araçá-piranga



Hortaliça beldroega



Árvore Guajuvira



Agroecologia proporciona a segurança e a soberania alimentar

Ética, gratidão pelo que se tem e o respeito à biodiversidade norteiam a prática dos técnicos e demais profissionais do CAPA que interagem com os agricultores. A agroecologia tem como pressupostos a valorização das culturas, dos modos de vida locais e dos saberes tradicionais. Sendo estes saberes fundamentais em tempos de mudanças climáticas e as necessárias adaptações com vistas à manutenção até mesmo da própria espécie humana.

A prática agroecológica contrapõe-se ao modelo dominante do agronegócio dependente da monocultura para a produção de commodities e dos insumos químicos artificiais. Pois, além de diversificarem a produção – ao permitir que as aptidões dos solos se expressem através das variadas culturas espontâneas,

os pequenos produtores utilizam as chamadas Plantas Alimentícias Não-Convencionais, as PANC's.

Os indígenas, os quilombolas e os agricultores mais antigos, principalmente, são os que sabem identificá-las na natureza e fazer o seu melhor uso para a saúde e a manutenção dos processos ecológicos na natureza. O ideal de convivência harmônica com a natureza se evidencia com o modelo agroecológico de produção de alimentos. Assim, além da segurança alimentar, os agricultores alcançam a soberania na medida em que a sua existência e o desenvolvimento do próprio negócio independe do pacote de insumos artificiais e tóxicos imposto pelas empresas transnacionais com o apoio dos governos.

As nativas e as espontâneas

No Brasil, a estimativa é de que existam cerca de 10 mil PANC's. Valdely Kinnupp, em estudo de 2007 (Plantas alimentícias não-convencionais da região metropolitana de Porto Alegre, RS), identificou somente na região da capital gaúcha 312 plantas alimentícias não-convencionais. E, segundo professor da UFRGS Paulo Brack, no Rio Grande do Sul são 150 espécies de árvores nativas com frutas alimentícias. Todas essas são plantas sufocadas pelo modelo rural dominante.

Dente-de-leão, serralha, beldroega, erva-gorda, tansagem, alecrim tornam ainda mais nutritivas a salada, o suco, o molho, ornamentam o prato e atraem à mesa os sem apetite com o aroma penetrante. A pitanga, a jaboticaba, o araçá, a guajuvira, o butiá, dentre mui-

tas outras árvores, incrementam temperos, proporcionam suco e sobremesa refrescante.

Nem inço ou erva daninha nem campo sujo. Tampouco apenas um produto com baixo valor de mercado. A sabedoria sobre os usos destas plantas da biodiversidade representa a garantia do domínio público dos bens naturais e coletivos dos quais a existência humana depende. Segundo muitos pesquisadores, são um elemento chave para soberania e a segurança alimentar. Em artigo de 2011 intitulado "Agro biodiversidad y desarrollo sostenible: la conservación in situ puede asegurar la seguridad alimentaria", Nodari e Tomás afirmam que a biodiversidade vai permitir o acesso a variabilidade genética necessária para a adaptação de variedades às novas condições do clima.

A soma dos ingredientes vindos da produção agroecológica aos saberes da cultura dos povos tradicionais resultou na criação de receitas deliciosas e nutritivas. Experimente!



Foto: Eliège Fante

PAÇOCA DE AMENDOIM

Ingredientes

- 2 medidas de amendoim torrado, descascado e triturado
- 2 medidas de mel ou açúcar
- 1 medida de farinha de mandioca torrada

Modo de fazer:

Misture tudo muito bem até formar uma farofa úmida. Está pronta para o consumo.



Foto: Eliège Fante

BROINHAS DE FARINHA DE MILHO

Ingredientes:

- 3 xícaras de chá de água
- 3 xícaras de chá de leite
- 3 colheres de sopa de manteiga
- 6 colheres de sopa de açúcar mascavo
- 1 pitada de sal
- 3 xícaras de chá de farinha de milho
- 6 a 8 ovos
- 1 colher de sopa de fermento em pó.

Modo de fazer:

Leve ao fogo uma panela com água, o leite, manteiga, açúcar e o sal. Quando começar a ferver, tire do fogo e junte a farinha de milho, mexendo sempre, até formar um angu que se desprenda da panela. Deixe esfriar e acrescente os ovos e o fermento, misturando bem. Pingue em assadeira untada e enfarinhada. Leve ao forno bem quente.



Foto: Família Belle

MACARRÃO AO MOLHO TIROLÊS COM PINHÕES

Ingredientes molho:

- 1 litro de leite
- 3 colheres (sopa) farinha de trigo
- 3 colheres (sopa) manteiga
- 5 folhas de louro velhas
- 500 g de pinhões
- 500 g de macarrão

Modo de fazer:

Cozinhe os pinhões, depois descasque-os e corte-os em 4 partes, reserve. Coloque para cozinhar um pacote de macarrão. Enquanto isso, para o molho, coloque no liquidificador um copo de leite e a farinha de trigo, bata até tudo se misturar bem, reserve, numa panela coloque a manteiga e o louro deixe até a manteiga ficar dourada, adicione a mistura do liquidificador e o leite restante, deixe ferver até atingir ponto de creme, deixe esfriar. Coloque em uma frigideira 8 colheres de sopa desse molho, 4 colheres de sopa de nata e 2 colheres de sopa de molho de tomate e aqueça tudo até derreter. Por fim coloque os pinhões e adicione ao macarrão.



Foto: CAPA Núcleo Santa Cruz

MAIS UMA AGROINDÚSTRIA ECOLÓGICA

O Grupo de Agricultores Ecologistas "O ECO DA VIDA", de Linha Santa Emília, interior de Venâncio Aires – RS, inaugurou, no dia 25 de outubro de 2012, a sua Agroindústria Ecológica de Derivados de Cana-de-Açúcar. O ato contou com a presença de autoridades municipais, agricultores do grupo e vizinhança, equipe do CAPA, P. Sinodal Bruno Bublitz, P. Ivário Fries e Pe. Aloísio Weber, representante da EMATER e imprensa. O representante do grupo, Clécio Luiz Weber, em sua saudação inicial, destacou que a inauguração da agroindústria é uma concretização de um sonho antigo, lançado pelo integrante Roque Finkler e cultivado com muita persistência pelo grupo. É mais um passo importante na produção de alimentos saudáveis. Na sequência teve um ato ecumênico de gratidão e bênção celebrado pelo P. Sinodal Bruno Bublitz e Pe Aloisio Weber, seguindo com pronunciamentos de autoridade, coordenador do CAPA, representantes de entidades presentes e visitas às dependências da agroindústria.